



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção e Administração
Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Propriedade da Obra da Rua

Director e Editor:

PADRE CARLOS CASA DO GAIATO

Composto e Impresso
Nas Escolas Gráficas

UMA CARTA

«É sempre com elevada emoção que leio o vosso jornal. Creio mesmo ser a única publicação que conheço onde a solidariedade entre os homens tem mais evidente expressão.

É o grito duma aflição, traduzida por uma oferta, na condição dos vossos pedidos a Nosso Senhor; é a satisfação de um bem concedido que se traduz na oferta de uns escudos para a Vossa Obra — enfim é um rosário de casos tristíssimos uns, encantadores e comoventes outros.

Não se pode ler «O Gaiato» sem se sentir uma emoção tão forte que toca profundamente o coração.

Creio que este facto succede por ser tão raro hoje em dia «amar o próximo como a nós mesmos», porque se assim não fosse, a coisa passava a ser trivial, do dia a dia e portanto natural.

Bom Padre, eu sou um Pai como tantos outros, que vivo angustiado com a saúde

duma filhinha que tem 2 meses e gostaria de ver crescer, vê-la forte e saudável, porém uma pertinaz doença tem-na atormentado há semanas e trazido em constantes sobressaltos eu e minha mulher.

Por tudo isto lembrei-me de lhe enviar 100\$ que aqui vão juntos para aquilo que o Padre Carlos entender que servirá para a «Obra» da salvação de tantos meninos que vós haveis de levar a salvo.

Pedia-lhe finalmente Senhor Padre Carlos, que pedisse aos seus meninos que nas suas orações pedissem a Deus pelas melhoras da minha filhinha, pois creio firmemente no valor dos seus pedidos que por serem feitos por meninos, são tão simples, tão sinceros, ingénuos e encantadores que Nosso Senhor lhes fará a vontade.

Peço a Deus saúde para Si e prosperidades para a Vossa Obra.

Auto-construção

Há muitas coisas na vida em que pouca gente repara e que, no entanto, dão bem na vista. Pode acontecer que alguns operários de uma fábrica de sabonetes, em casa, nem sequer usem sabão. Pode acontecer, e terá acontecido, que empregados de sapataria andem descalços na rua. Pode acontecer que o padeiro, que trabalha a noite inteira, vá para casa e, ao almoço, não veja pão. Pode acontecer, terá acontecido... Também alguns trabalhadores — pedreiros, carpinteiros, serradores, trolhas — terão passado anos e anos da sua existência a construir moradias, gastando a sua vida, quem sabe se arruinando até a sua saúde, a construir a casa deste comerciante, daquele brasileiro, daquele lisboeta, a residência paroquial de certa freguesia, o bairro residencial daquela cidade — e vivam, com a mulher, com os filhos num lugar que não pode chamar-se uma casa. Quem sabe se uma vez ou outra o operário construiu um palácio enorme para os ratos e ele mesmo continuou a viver na barraqueta! Pão a apodrecer e padeiros com fome! Coisas infalíveis nesta vida?!... Seja como for, Auto-Construção não nasceu para atirar pedra a quem quer que seja, mas sim para pôr umas pedras sobre as outras e levantar casas. Não atiraremos pedras, porque pretendemos gastar o tempo a erguer construções. Agrada-nos sobremaneira o lado positivo da vida. Não queremos consumir-nos a culpar os indivíduos ou a sociedade. Há tantos, tantos a culparem-se mutuamente. Para quê? Para as coisas ficarem pior. Tenhamos na semana uma hora para deitar abaixo e todo o resto do tempo para construir. É preciso que os padeiros comam pão. Tem de ser. Os nossos trabalhadores, e não só os da construção civil evidentemente, têm de viver numa casa decente. Vamos mais longe e façamos deles construtores e proprietários das suas próprias casas. Para tanto precisamos de educar e de organizar. Sem educação nada; sem organização a mesma coisa. Com educação e com organização ao mesmo tempo, hão-de conseguir-se coisas novas. Temos muitíssimos rapazes que serão capazes de abraçar com um entusiasmo imenso o ideal da Auto-Construção.

Padre Fonseca

Passos falsos...

No sábado passado, vendo um que foi nosso, recordei algo de muito amargo na minha vida. Aquela roupa cheia de pó e cossada; aquele rosto e os olhos dizem os trabalhos porque tem passado. A sua cama de lençóis lavados, a mesa posta três vezes ao dia, são coisas que ele terá já recordado muitas vezes, e com saudades. Os bancos dos jardins, ou os portais têm sido o leito onde ele repousa o corpo. A sua vida de agora fez com que eu revivesse outra idêntica de há anos, na cidade de Lisboa, para onde fui na expectativa de arranjar onde me empregasse. Foi aí que me vi entre paredes e grades saboreando a amargura da opressão e onde fui sempre um revoltado perante o que presenciava de rude e cruel. Pensava muito naquela norma de educar, e muitas vezes recordei uma outra, cujo lema é: «Toda a liberdade dentro da máxima responsabilidade». Era a ciência de Pai Américo, e continua a ser a da nossa Obra.

Aquele nosso, mesmo sem praticar outros delitos, mesmo só por dormir nos bancos dos jardins, pode sujeitar-se ao sabor amargo das cadeias, durante alguns anos.

Vós conhecestes bem o que ele tinha de «personalidade». Essa personalidade criada em fantasia e ilustrada no seu «eu» foi o que o levou a sair

PRESENCIA DA IGREJA

«Não esqueçais que vós, apóstolos da Igreja, dizeis com ela que a propriedade privada é de direito natural; que o contrato de salários não é em si injusto; porém dizeis com ela que a propriedade tem uma insubstituível função social; que não há direito ao abuso da mesma; e que procede em Espanha e no mundo, em aras da paz social, por exigências do bem comum, uma mais justa distribuição da riqueza; e dizeis com ela que o trabalho não é uma mercadoria sujeita à mera lei da oferta e da procura; que o trabalhador não vende a pele no mercado social pois é o trabalho, a prestação do esforço útil do homem, fonte do direito a viver com humano decoro, ele, a mulher e, ao menos, os filhos de um lar normal, com previsão de doença, invalidez e velhice, e até com possibilidades de chegar, com um certo aforro, ao acesso à propriedade.

E dizer isso com a Igreja vos trará:

a) Taxa de demagogos, por parte do capitalismo liberal.

b) Taxa de serventuários do poder e da riqueza, por parte dos demagogos.

c) E até a suspeita, em algum caso, de perturbadores da ordem social por parte dos que têm a benemérita e penosa missão de conservá-la».

(Palavras do Arcebispo de Valência à Acção Católica Operária)

da nossa Casa, não ficando ainda abandonado, até que se colocou num emprego, — que depois desprezou. Também eu saí da nossa Obra por causa de não refreiar o meu «eu». Que o diga o Senhor Padre Horácio, se ainda se recorda daquele dia 10 de Dezembro de 1950. O meu orgulho de então, trouxe-me para a rua, de onde tinha saído quando fui habitar a «Casa do Gaiato». Eu, por conhecer por experiência as privações que passa hoje aquele nosso irmão

e que sei o porquê dessa situação, venho neste cantinho dizer-vos que sejamos razoáveis connosco próprios. Não vos julgueis mais do que na realidade sois. O orgulho que tanta vez nos cega, pode trazer-nos grandes dissabores, que só avaliamos quando a dor se nos depara. Foi o orgulho que levou o Luis à situação presente. Ele próprio me disse que «lá não era como cá». Tenho a certeza que

Continua na quarta página

Inquietação sacerdotal

«Os meus respeitosos cumprimentos.

Cá vou continuando as casas dos Pobres, mas muito devagar, Senhor Padre.

Vejo-me forçado a construir apenas uma casa em cada ano, embora essa casa dê para duas famílias.

O povo no princípio ainda ajudava alguma coisa... mas agora, tudo quer ganhar e poucos são os que ajudam gratuitamente.

Os ricos, aí os ricos... não lhes chega o dinheiro para arruinar o corpo e a alma.

Que Deus se compadeça de nós e viva ainda mais, se é possível, na Sua Igreja.

A segunda casa já está quase concluída.

Depois dela entregue, começarei outra e depois outra se Deus estiver comigo.

É uma Obra tão boa e dá tanta arrelia!!!

Até os pobres — classe de insatisfeitos e revoltados — até os pobres são uma cruz!

O Senhor Padre, por amor de Deus, quando me não puder mandar dinheiro, mande-me meia dúzia de palavras de encorajamento para mim e para eu ler ao meu povo.

São precisas, e os Senhores, nesta Obra, têm Deus mais perto do que eu».

CHARLES DE ORDINS

Continuemos com o leitor na visita ao Centro de Assistência de Ordins. Tem a Casa de Jesus Misericordioso um refeitório para as crianças que tomam o leite da Cáritas. São quinze pequenas mesas com tampas de mármore. A sala com pavimento de mosaico e as paredes cobertas até meio de azulejo abre para o exterior as suas duas janelas, através das quais se divisa um panorama rude, feito de penedias e montes quase escavados.

A cozinha também com o chão em mosaico e as paredes com azulejo tem dois fogões, um a lenha e outro a propaci-dia, que nos ofereceram. A dispensa não é grande, mas remedeia.

A Casa tem 2 quartos, pois nela vive a senhora dos Pobres e a sua ajudante. Vamos andando devagar, removendo as dificuldades que nos vão aparecendo. Até agora as cadeiras eram emprestadas. Ora já temos meia dúzia. Os colchões também eram emprestados. Tivemos de comprar novos. As camas... também não são da Casa. Se os donos se lembram de no-las pedir, a senhora mai-la sua moça terá de dormir no chão. Como aconteceu com outras coisas, também a Casa há-de ter as suas duas camas de ferro. Isto apoquento-me mais, que um ferro eléctrico que a Senhora deseja. «Ponha no jornal». Ora, em abono da verdade, devo dizer que o ferro de engomar parece que já andou na guerra... A senhora, desta vez, tem razão. Espero em Deus que as camas, mai-lo ferro (para contentar a Senhora) se conseguirão, antes da inauguração desta Casa, que se espera seja no 1.º de Novembro.

x x x

Continuação da página três

100\$ para o que tiver de mais necessidade. Foi promessa. Pai Américo nos ajuda e nos abençoa». Eis o prototipo de Mãe que a nossa África precisa! E novamente o *Bébé* n.º 3 mai-los 20\$00 costumados. Mais 25\$ da Minucha e primos. Já tinha saudades de não os ver por cá! De um anónimo, 50\$. E metade por intermédio de «Belém». 20\$ de Lodes. Metade de Moimenta da Beira. E «o assinante 19205 remete 120\$00 relativos ao 1.º semestre do corrente ano». Outra vez o assinante 17022 — 40\$00! Só de joelhos e olhos na Cruz é possível compreender esta persistência. Mais 20\$ de A. F., do Porto. Outra que não se cansa, nem cansa! Que felizes! O. C. B., de Belo Horizonte — Brasil, 500\$00. A Caridade não tem medo do câmbio! E mais 50\$00, de letra conhecida. E 11\$00 do assinante 18223, do Porto. E outra vez o *Bébé* n.º 3. E mais duas presenças da assinantes 17022!! Por tudo, graças a Deus.

Júlio Mendes



Lourenço Marques arde em desejos de ajudar os nossos artesanatos de chales, cuja finalidade os leitores já conhecem. «Temos que vender Charles de Ordins, até que não haja maneira de os colocar em Moçambique. Ajudem-nos a gente de Ordins a viver sem fome, sem águas inquinadas, sem misérias que envergonham quem as não tem».

Aveiro agasalha uma pobre. Lisboa segue com o seu chale mensal. «Este já tem dono. É para uma viúva velhinha e muito pobre». Oliveirinha encomendou, gostou e tornou. Aqui segue Abrantes. Mais 4 para a Capital. Metade para o Porto, sem se esquecer das «obras de Ordins». Visitas levaram-nos duas echarpes e quatro camisolas.

À Rua da Caridade, 16 chegou-me um saco de roupas dos E. U. A. de quem outras vezes se tem lembrado de nós. Lisboa escutou o apelo e trouxe-me um aparelho para medir a tensão arterial, enriquecendo o nosso consultório. Avança, uma vez mais, se lembrou de Ordins com uma cadeira rotativa, dois bancos de rotação e elevação e um armário clínico. Com mais um jeitinho, o consultório ficará apetrechado. O Porto veio resolver-nos uma dificuldade: sempre que necessitemos de cera para o soalho, há quem no-la ofereça. Senhora estrangeira, bem nossa amiga, reparte: «aquí vai mais um trabalhinho feito por mim e vai para ajudar as mulheres pobres, sobretudo as que têm filhos». O cheque era de 760\$. Para uma tecedeira doente 20\$ da assinante 15.595

A Campanha do Selo continua: de Lisboa 10\$. De Coimbra 3\$, pedindo a luz da divina graça. Outro tanto traz uma Fernanda, que deseja, como os santos, «fazer sempre a vontade de Deus». A Guidinha trouxe, uma vez mais, 10\$. A Maria da Saudade, de S. Mamede, aparece mensalmente com metade. Descanse que tudo tem chegado.

Estávamos nos 23.233\$20
Deram-nos 180\$00

Vamos nos 23.053\$20

Graças a Deus!

P. S.: como as lãs são caras não podemos fazer grandes encomendas para a Fábrica que nos fornece, sem sabermos se os chales terão venda. Às pessoas interessadas em ajudar-nos, se pede que nos dêem já as suas ordens, para encomendarmos as lãs. Doutro modo arriscar-nos-emos a termos, lá mais para diante, encomendas de chales, sem as podermos aviar.

Padre Aires

Após a longa carta de 10-9-26, que temos vindo a transcrever, outra, de 26 do mesmo mês, confortá o Amigo por via de um desgosto recentemente sofrido: a perda de mais um filho não chegado a nascer. E acrescenta:

«Ao contrário de muita gente do século que corre, V. quer mais filhos. É um protesto feliz à célebre teoria de Maltus e à triste doutrina dos materialistas: — «comer e gozar, que amanhã



Pai Américo em África

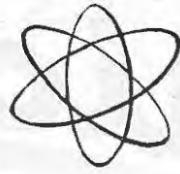
morreremos». Note uma coisa segura, N.. Os homens de valor moral, que tomam a vida no seu recto conceito, têm que ser dotados de muita coragem e fortaleza, como ordinariamente são, pois a experiência de todos os dias mostra que estes tais passam por cruas realidades. Veja as biografias de Garret, Dickens, Antero, João de Deus, e tantos outros. Como estes homens sofreram, só porque trabalharam por ser perfeitos. Sucede assim com todos. Quem quiser ser bom e recto sofre muito, porque no que o rodeia encontra toda a sorte de dificuldades. Está escrito no Evangelho, o grande código da Vida. Disse

«toda a sorte de Bem e de Paz» e recomendando «mais uma vez, que se não esqueça de ler o que lhe mando e de me mandar as revistas que me prometeu».

x x x

A carta seguinte, do Seminário de Coimbra, 9-10-926, começa justamente por agradecer o envio destas revistas, que até ao fim da vida Pai Américo continuou a ler com imenso agrado: «The National Geographic Magazine».

«Como eu agradeço e aprecio a leitura das esplêndidas revistas que mandou e há-de conti-



FACETAS DE UMA VIDA

nuar a mandar! Como eu sou feliz em tê-lo por Amigo! Eu trato-as com muito carinho porque compreendo que estas revistas constituem um valor importante na vossa futura biblioteca, para os seus filhos. Não as remeto pelo correio. Espero por si ou portador idóneo.

Vai nesta mala um pacote com 20 «Pastorais» sobre o alcoolismo. O papel não presta, mas a doutrina, como pode verificar, é ótima e oportuníssima. Com certeza o S. há-de fazer todos os possíveis para que estes pequenos folhetos tão preciosos circulem por lugares onde possam lançar bons frutos. Faça-o por amor da humanidade. Eu tenho muita pena; muita pena dos homens que se embriagam.

Estou muito contente por notar que o S. se interessa pela leitura destes modestos folhetos (Pastorais) do meu Bispo. Nada mais por hoje. Saudades a todos os da Casa do seu muito amigo,

Américo».

Já em 1926, os problemas derivados do alcoolismo o preocupavam como flagelo que fere a Humanidade.

A sua vida de «padre da rua» havia de lhe proporcionar muitas ocasiões para queixas veementes contra a superabundância das lojas que vendem vinho a quem passa. A sua experiência havia de lhe sugerir meios simples de atenuar as dificuldades por sobre os interesses mesquinhos que sempre se levantam.



PATRIMÓNIO dos Pobres

e NQUANTO um grupo daqueles que Deus me deu por filhos brinca na praia, eu, a pouca distância, estou sentado em frente ao mar com a sebenta nos joelhos a escrever estas linhas. Diante de mim, a imensidade de água no seu movimento contínuo; dum lado e doutro a vastidão da areia a perder de vista.

Ao contemplar estas duas imensidades, eu vejo que ambas são formadas por pequeninas partículas a que chamamos gotas de água e grãos de areia.

E pondo os olhos mais ao longe, o pensamento vai para essas terras portuguesas, onde párocos e vicentinos e pessoas de espírito se têm unido e levantado santuários de almas para habitação de corpos de irmãos pobres.

Parecerá a uns que aquilo que está feito não é nada; outros dirão que o problema da habitação dos pobres não tem solução. Foi sempre assim na História: a melhor forma é não nos ralar-mos; a escusa é própria de quem quer cuidar só de si!

Se ao mar tirássemos uma gota de água ele ficava diminuído; se a este areal tirássemos um grão de areia ele ficava com menos, embora esta pequenina diminuição fosse insensível.

Passando ao campo social não podemos dizer que estamos diante do infinito a come-

çar.

No ponto mesmo a que me refiro há já muito feito! Há freguesias que têm o seu problema resolvido. É pena só, que sejam poucas.

Quando Pai Américo revelou o começo da Obra da Rua, houve também quem lhe fizes-

se ver que não resolveria nada. E sabemos a sua resposta: andai prá frente. E daí quantas vítimas e vidas arrancadas à miséria!

E o começo do Património dos Pobres foi o mesmo: gotas e pequeninos grãos. A poucos anos de distância são duas mil famílias acarinhadas na felicidade de uma casa. É pouco?... Mas já é alguma coisa.

Olhando o campo do espírito, quantos actos grandes de renúncia e quantas acções altas de generosidade que nunca o seriam? Quantas tábuas de salvação para almas que andavam à toa e quantos caminhos para muitos que o haviam perdido?

Tenho presente a festa cheia de entusiasmo e alegria do povo da Vila de Portel — na entrega de um pequeno bairro. Foi um dia grande na história daquela terra.

A Vila de Coja vibrou com

BELEM

Aí vão elas porta fora, para a venda do Famoso. Em consequência de ser feita por meninas, a distribuição do «Gaiato» em Viseu, ganha tonalidade diferente da das outras terras.

As vendedoras são ainda muito pequenas e o que vale é a compreensão e simpatia de tantos, assim como a protecção dos Párocos das três freguesias da cidade.

«Estão aí as pequeninas de Belém que, como já devem saber, pertencem à nossa freguesia. Elas vão começar a vender «O Gaiato» à saída das missas. São crianças e algumas nem sabem fazer trocos. Tudo se espera pois, da compreensão e boa vontade dos adultos...»

Isto foi no princípio, mas elas depressa aprenderam o caminho das outras igrejas da cidade e, graças a Deus, em todas foram bem recebidas.

Num dia de inverno chegaram à Igreja de Nossa Senhora da Conceição com as roupinhas a escorrer água. O Senhor Abade chamou-as para a sacristia, onde se enxugaram e aqueceram ao fogo. Depois pediu na Igreja que comprassem todos os jornais às pequenas, porque estava mau tempo e precisavam voltar depressa a casa.

Por vezes as chefes dos dois grupos não estão com meias medidas e sem que ninguém lhes encomende o recado, assaltam as sacristias:

— Ó Senhor Padre, diga alguma coisinha na Missa, que nós viemos cá de manhã e vendemos muito pouquinho!

— Ó pequenas eu nem vos conheço, mas falai ali com o Senhor Abade...

— Ó Senhor Abade, então hoje não diz nadinha na Missa?

— Olha, queres que eu diga que és uma grande marota?

— Não Senhor, que depois não me compram!

Então o Pároco da freguesia de Santa Maria, às vezes vê-se aflito, porque as habituou a uma moeda de prata. Há tempos escrevia na sacristia e quando levantou os olhos estavam nada menos que três perfiladas na sua frente:

«Ai que desta feita estou perdido!...»

Bem vamos lá! Eu fecho

os olhos e vocês mudam de lugar... Já está...? Então fiquem sabendo que eu compro o jornal à que ficou do meu lado direito!...»

Há por vezes quem as despeça com resposta azedas e, coitaditas, ficam muito chocadas, porque são crianças. Mas também aparecem pessoas com carradas de paciência.

Na última venda andava um Senhor ocupado em observar e admirar todos os recantos dos claustros da Sé. A primeira belenita que apareceu ele logo comprou o jornal, mas meteu-o no bolso.

Ora aconteceu que de todas as portas lhe iam surgindo vendedoras a quem ele pacientemente ia respondendo que já tinha. Depois o senhor foi assistir à Missa e à saída as pequeninas iam de novo atacá-lo. A Senhora que nesse dia se acompanhava, achou que já era demais e resolveu impedi-las. Ele notou e respondeu: «Deixe-as à vontade coitadinhas, andam a governar a vida!»

Esta Senhora, que é professora e tem estado a passar as suas férias em Belém, da última vez resolveu levar também a Laidita que só tem seis anos e não faz a mínima ideia do que seja comprar e vender. De jornal na mão, pôs-se mesmo ao lado da porta da Igreja, com o braço estendido e gritando, a uma velocidade incrível: «Gaiato, Gaiato, Gaiato...» Chegou uma senhora, deu-lhe cinco escudos e pediu o troco mas ela sacou

e... «Gaiato, Gaiato, Gaiato...» Todas as pessoas que apreciaram riram até não poder mais.

Muitas já têm os seus fregueses certos, que fazem questão em comprar a elas. E lá vai sempre uma palavrinha ou uma carícia a acompanhar.

A Sãozita tem especial simpatia pelos polícias sina-leiros. Como é muito pequenina e eles estão em cima do estrado, põe-se em bicos de pés para fazer o negócio. Mas como o equilíbrio se torna instável, vai dando uns passos de dança na frente deles, que lembram ensaio de algum bailado.

Mas não julguem que tudo são rosas, pois que não as há sem espinhos.

Há tempos a Senhora perdeu de vista a Cilita e foi encontrá-la sentada ao fundo da escadaria da Igreja dos Terceiros, com uma nota de 20 na mão e chorando desconsoladamente:

«Um Senhor que me comprou o jornal despejou-me o saco e só me deixou este papel...»

Inês — Belém — Viseu

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

UM CASO: A Ti Maria Rainha, uma pobre do lugar de Vales, era só. Vivia só. Parálitica de braços e pernas, precisava de quem lhe botasse a mão. E a heroína apareceu. Um mulher já de idade, pobre também, que se nada lhe oferecessem pró sustento da protegida tirava à boca para dar! E dava! A custo, mas dava: *Olhe que houve tempos que deixei de comer pra lhe não faltar.*

Há muito que Senhor Padre Manuel e eu por lá íamos, de vez em quando. Era um caso que merecia especial atenção. De maneira que pedimos ao Senhor Padre Baptista um lugar no Calvário. Ontem o telefone toca. E aí vem a notícia feliz. Pegamos na furgoneta e fomos buscar Ti Maria Rainha. Banha-se em lágrimas com a notícia e, entretanto, chega a serve que a tratava com tanto carinho. Abraçam-se, beijam-se. Um quadro cheio de ternura. Um quadro cheio de vida cristã.

Olhe que houve tempos que deixei de comer pra não lhe faltar! Que grande lição a desta mulher! Largos meses a tratar desinteressadamente e sacrificadamente a parálitica sem perder o entusiasmo, lamentando-se, apenas, que não houvesse quem se lembrasse tanto do muito que ela precisava.

Já está no Calvário Ti Maria Rainha. Contente. Oh, se não! É o seu lugar. O lugar dos pobres doentes sem cura... E quantos deles morreriam na valeta, como os animais, se não fosse o Calvário!

O QUE RECEBEMOS: Não podemos publicar tudo. Mas, dentro das possibilidades, aí ai a maior parte das presenças durante os dois meses que andámos por África.

No Espelho da Moda—o nosso Depósito — 10\$ de Miramar. Assinante 17022, os 40\$ do costume. Do 23986 50\$00. José Miranda Júnior, que nos

acompanhou em espírito durante a viagem por África — como aliás todos os nossos leitores — 20\$00. Metade da 31316. E 150\$ do nosso Fernando Inácio, ora em Luanda. A. F. do Porto, com 20\$00. E mais 150\$ de Lisboa «em meu nome e dos meus colegas, por alma duma nossa colega falecida há dias». Oh fraternidade cristã! «Por estar ausente, atrazei-me na minha remessa do costume» 100\$. Mais vale tarde que nunca. Não é verdade? Descanse, assinante 4343, que os 100\$ já foram mitigados fome na lareira dos nossos Pobres. Em Lourenço Marques a senhora D. Líbia deu-me 20\$. E seguem mais 20\$ do 26169, «para pagar uma dívida de renda de casa». B. A. C. 30\$00. E novamente a 17022, com a massa do costume. Dr. Agostinho Moutinho, 50\$00. Metade do Largo do Priorado, no Porto. Atenção para esta carta da Invicta: «Ao ler a crónica da Conferência no Famoso, sinto-me na obrigação de ajudar os que precisam e quisera ter muito para muito dar. Vivo numa freguesia que tem uma larga Obra Social e nós (o de boa vontade) estamos muito sobrecarregados com os seus encargos que nossos são. Por isto, apenas mandei hoje cinquenta escudos». Oh carta! Que os grandes ponham aqui o olhos para não sacrificar tanto os de boa vontade que são os que menos têm. Aqui vai o *Bêbê n.º 3*, com 20\$00. E o dobro do *Pedrinho*. E 50\$ do assinante 10250. E 40\$ do Funchal. E 20\$ de Guimarães. E 5\$ do Porto. Mais 625\$00, de 5 contos distribuídos pelas nossas 8 Conferências. Mais esta carta. E da Beira: «Beijinhos aos seus filhinhos. Eu também tenho um de 4 meses. O meu 1.º filhinho. Um encanto e eu sinto-me muito feliz. Deus no-lo guarde e a todos. Enviado»

— Continua na página dois

O tempo não deixou que elas fechassem com chave de ouro. Chuva e vendaval encheram de desprazer os últimos dias. Pior para os do turno derradeiro, que os outros tiveram um verão muito apetitoso!



Que linda é a nossa Casa na Praia de Azurara

Este ano só Padre Acílio as não fez, impedido pelas obras em Setúbal e outros cuidados que tem sobre seus ombros. De resto, Ericeira, Mira e Azurara estiveram em funcionamento o período costumado, não falando na Senhora da Piedade, de Miranda do Corvo, onde rapazes e raparigas das ruas de Coimbra tiveram os seus vinte dias de ar e sol e cama aseada e mesa posta.

Os mais anos têm sido seminaristas a olhar pelas colónias.

E, que bela escola; e que sério passo a caminho da estabilidade na vocação — elas têm sido para eles!

Este ano, não sei porquê, faltaram-nos seminaristas e tivemos que remediar com a prata da casa.

Os nossos rapazes! Deles mais velhos e de mais juízo a guiar os mais novos!

Pois foram eles! E não só nas colónias! Aconteceu que o nos-

COLÓNIAS DE FÉRIAS

so desfalcadíssimo naipe de senhores sofreu baixa em certo momento. No Lar do Porto a necessidade urgente de uma operação. Em Paço de Sousa, a necessidade inadiável de repouso para a única Mãe desta Família de 180. Pois tudo se remediou. No Lar, Fernando Dias, foi instituído D. Maria, e anda tudo muito na linha, senão... Ele e a tropa. Ainda se pediu uma licença de uns dias, que inoportunamente a transferência de quartel veio anular. Pois mesmo assim! Ele vai e vem; deixa serviço marcado; e tudo se tem cumprido — que o respeito é coisa muito bonita!...

Aqui em Paço de Sousa, houve a presença de uma velha Amiga, que sempre aproveitava as ocasiões para provar a amizade. Mas as coisas correram sem novidade de maior. Antes, tendo sido em Beira tudo quanto digno de Paço de Sousa.

Eis fugazes imagens da nossa desorganização organizada.

Como ela bate certo! Quanto a amo e a acredito, na medida em que a aprofundo!



MIRANDA DO CORVO

Férias! Estas são uma necessidade e um direito de quem trabalha.

A nossa Casa é uma comunidade onde o trabalho tem papel preponde-

tem valorizados e úteis; que se formam caracteres e fortificam vontades; que se criam personalidades e, no espírito, verdadeiras noções das responsabilidades humanas.



PELAS CASAS DO GAIATO

rante na educação dos nossos rapazes. É no trabalho que estes se sen-

Ora, como ia a dizer, em nossa Casa, cumpre-se o mandamento: «co-

Campanha de Assinaturas

Ultramar

Boas notícias! Quer dizer, o entusiasmo continua, porque a semente caiu em bom terreno e germina cheia de vida. É raro o dia de correio aéreo que não venha uma lista de novos assinantes!

Vamos começar por Angola. Aires Mourinho, de Vila Luso, manda uma série de doze assinantes e uma carta espumante de espiritualidade. «A chama continua a arder», friza na carta. Como há-de ela apagar-se se aí é Portugal? Como há-de ela apagar-se, se a Mensagem pregada é luz do Espírito Santo? Vai mandar mais tocados, sim senhor. E nós aguardamos, também, notícias dos Beneditinos que já devem ter uma boa colheita.

Mas Angola não fica por aqui. O Padre Telmo da Barragem de Cambambe, aproveitou muito bem o calor gerado pela nossa visita e acaçou entre a legião de empregados e operários daquele grande empreendimento hidroeléctrico uma lista de 22 deles. É o começo da invasão. Porque o Famoso há-de espevitar muitos mais corações e Padre Telmo estará sempre disposto, de caneta em punho, a registar novos assinantes.

Agora é a vez de Malange, com 3. E Angola termina com mais 5 pela mão de um bom amigo.

Um voo prá outra costa e temos Moçambique à vista. Padre Guerreiro de Quelimane segue com 22 deles. É uma pequena lista, diz. Mas nós já trouxemos bastantes de Quelimane! No entanto, pelo fervor do Padre Guerreiro mal-lo entusiasmo que dominou a sessão efectuada no cinema, nós esperamos, ainda, mais e mais.

E a procissão continua. Temos Vila Pery com 5 enviados pelo Pároco e mais 3 de um anónimo.

Lourenço Marques segue com uma lista de 10, outra de 5 e ainda outra de 6. E finalmente Beira e Nampula. Atenção Nampula! Os senhores não arrefeçam. Nós contamos com mais assinantes. Porque nem toda a gente que assistiu ao encontro realizado, por via da casa estar a transbordar, se inscreveu na altura. Que o Senhor Fonseca do A. Teixeira & C.a e o Pároco e todos esses bons amigos de Nampula não percam a oportunidade de acaçar mais e mais.

Metrópole

Graças a Deus, continuamos a receber muitos deste cantinho à beira mar plantado. E já agora, aproveitamos a oportunidade de informar que estamos dispostos a enviar num dos jornais a sair no próximo mês de Janeiro outra lista da Campanha. É que o entusiasmo tem aumentado extraordinariamente e nós devemos ir ao encontro de quem trabalha com tanto amor e devoção pela causa do Famoso, pela causa deste desordeiro que é o melhor jornal do mundo, segundo uma assinante de Zebreira, na Beira Baixa.

E já que o espaço não dá para mais façam o favor de ler esta carta. É a voz de uma nova assinante:

«Encontro-me em Génève a trabalhar, há um ano, de onde me tenho lembrado muito do querido jornal que eu sempre lia embora não fosse assinante, mas comprava-o sempre à porta da minha Igreja.

Desde que me aqui encontro, tenho tido grande desejo de me tornar assinante.

Peço-vos que me tomeis para assinante. Não sois vós que tendes necessidade da minha assinatura, mas sim, eu, do vosso jornal.

Nesta terra tão longe de todos e de tudo que nos é querido e onde o amor a Deus é tão frio, o Gaiato me ajudará a não perder a fé e o amor ao Senhor.

Peço-vos uma Avé-Maria para que Jesus e Sua Mãe Santíssima me defendam dos perigos e me ajudem a cumprir a Santa vontade de Deus».

Oh carta! E reservámo-la pró resto como chave de ouro desta Campanha que já fere tantos corações!

Júlio Mendes

merás o pão com o suor do rosto». Na realidade, o pão de cada dia é ganho com muito suor, muito embora com o valioso e amoroso auxílio dos nossos benfeitores que Deus vai tocando, conforme muito bem Lhe apraz.

Nas Casas do Gaiato é bem conhecido e cumprido à risca o velho ditado: «quem não trabaça não manduca». Sendo assim, também quem trabalha tem direito a descansar.

Foi por isso, e ainda porque a saúde de muitos exige, que o mês de Setembro, como em anos anteriores, foi dedicado a férias. Todos, alternadamente, passaram pela praia de Mira.

Além da boa disposição e alegria com que todos ali se sentem, o que mais nos impressiona é o amor com que somos tratados.

Como sempre, também este ano, nunca nos faltou peixe fresco, sempre que as redes eram lançadas ao mar; mimos de toda a espécie, nunca faltaram também; os assinantes, de habituados que estão, não descansaram enquanto não lhes fomos a casa fazer a cobrança; donativos nem falo neles, pois o Senhor Padre Horácio, a seu tempo os enumerará; de géneros foi um mundo.

Da nossa parte vai um imenso muito obrigado e até ao próximo ano, se Deus quiser.

—O Casamento do Luis. É no próximo dia 23 deste mês de Outubro aniversário de Pai Américo, que o ex-Carêquita se vai unir àquela que Deus lhe deu por companheira. É o primeiro que casa em tais circunstâncias, nesta casa. Desde muito pequenino, tem vivido e trabalhado sempre em nossa casa e, agora, que vai encetar uma nova vida continuará a viver e a trabalhar entre nós. A sua casa provisória anda em mãos e está ainda muito pobrezinha e nua.

Esse dia, vai ser grande para a história da nossa Casa. Vai haver festa rija, tanto mais rija se os nossos amigos, se quiserem associar a ela com uma pequena lembrança.

Carlos Manuel Trindade

PAÇO DE SOUSA

— Cozinheiros, cozinha, Alfredo, Tira-olhos e, como muito bem temos frizado, a respectiva delicadeza que está a colar razoavelmente. Já vimos o Sepadre Carlos e Sepadre Manuel a dar as boas tardes ao Sealfredo. O pior é quando o comer não tem sahor nenhum, está mal cozido ou atrazado. «Todo o mundo» quer fazer justiça, mas ninguém quer ser cozinheiro.

Daqui grandes desordens. Daqui os sarilhos permanentes que colocam tudo em estado de sítio. Nem o Sepadre Manuel quando põe o avental consegue harmonizar estas coisas. Porém, as saladas de tomate têm saído menos mal. Calar que já não se perde tudo. A pacatez do Alfredo. O barulho do Tira-olhos. Vem o Sepadre Manuel, pega na colher de pau... e o caldo sempre entornado!...

— POR FAVOR! Aos nossos prezados assinantes. Quem tem o número 290 do «Gaiato» que lhe não faça falta? Era para a colecção do Senhor Padre Baptista. Agradecemos muito a quem levantar o dedo e disser: Está aqui!

— As carícias que todos fazem àquele pequeno. Os abraços. Os beijos. As festas que chovem de todos os sentidos. Este quer levantá-lo, este, aquele, aqueloutro puxam-lhe os braços as pernas, os cabelos. Isto é o que acontece com os filhos dos nossos casados.

Como é enternecedor deparar-se com este quadro que passa despercebido a muita gente! Questões raciais, guerrilhas... Desmandos nos quatro quadrantes. O egoísmo. Quando muito bem o mundo podia aprender estas lições! As lições daqueles que foram gerados e não tiveram quem lhes desse nome.

O mundo, abre os teus olhos e aprende destes pequenos *nadas!* Daquelas a quem tu ontem apodavas de parasitas!

Daniel

Visado pela Comissão de Censura

Écos do Gerês

Esta magnífica Estância de Turismo e repouso tem sido prejudicada pelo denso inverno desencadeado neste fim de verão, mas, mesmo assim, a sua beleza não deixa de vir à superfície.

Situada a 468 metros de altitude, é um oásis escondido no vértice de ângulo formado por duas íngremes encostas, onde as pessoas procuram retemperar energias de um duro ano de trabalho, de canseiras, remédio para seus males, contido no arsénio das águas que incessantemente brotam da rocha.

Como todos os anos, aqui lembramos Pai Américo com aquele «Ah!» tão peculiar de admiração, diante da majestade da albufeira da Caniçada, onde, altaneiras, dominam as bem construídas pontes que dão acesso a estas termas, Vieira do Minho, Guimarães, Braga e outras terras deste verdejante Minho. Lá em cima os pináculos rochosos. Nas encostas, tapetes de verdura. Cá em baixo, muito no fundo, a quietude e placidez das doces águas que fazem lembrar a maravilhosa Suíça.

Ao fundo S. Bento da Porta Aberta. Um grupo de casas. Outras pequeninas espalhadas ao longo de engraçados caminhos, circuitados por aqui e por ali. Um rebanho de ovelhas muito grande dá vida e cor, mais parecendo um presépio. O vento que passa. O arvoredo que se agita. As folhas que caem. Pessoas que passam...

Que linda aquela cabrinha com dois filhos, por sob os ramos das giestas! Aquela mulherzinha de canastra à cabeça, trazendo pela mão um pequeno!

Tudo aqui é belo, nesta serra do Gerês. O homem sente-se mais pequenino diante de tanta grandeza natural. A Pedra Bela fica a 829 metros de altitude, Fraga Negra, Junceda, Calcedónia, com vestígios de gentes da ante-civilização. Portela do Homem a 822 metros faz fronteira com a vizinha Espanha. Repetem-se os fofos mantos de verdura que se divisam de uma das mais lindas vistas que tem Portugal. Aqui e ali pequenas quedas de água, fazendo toa-lhas de espuma, que mais prendem nossos olhos pecadores!

Como gostávamos de cumprir este itinerário com Pai

Américo que para tudo tinha uma palavra paternal. E, quando, escolhendo os sítios mais pródigos, passava as contas do terço, trazendo no coração tantos pequeninos que enxameiam as Casas do Gaiato. «Como Deus é grande! Como é nosso amigo!»

Ainda o vemos e continuaremos a olhar, no banco onde passou tantas tardes, inundado de verdes, com botões a abrir, exalando um doce perfume.

Para nós, aqui é e será sempre o sítio de Pai Américo.

Ele presente nas velhas e novas amizades que não são pelos nossos lindos olhos, mas pela grandeza de uma Obra! Na alegria do Senhor Francisco. Amizade do Senhor Leitão e neste ambiente tão simpático e familiar que milita na Central Jardim. Na sineta que toca para a pequena capela, nas doces ervas que se multiplicam à beira do ribeiro que anda sempre cantando. E é pensando nos nossos, nas suas qualidades e defeitos, nas belas construções que enchem a nossa aldeia, nas obrigações do dia a dia — que nos tornaremos melhores e os fígados menos maus.

Um abraço para todos do vosso,

Daniel

(Vem da primeira página)

a dor lhe trará a razão. Deus queira que ele se reabilite depressa, porque será mais um experimentado. Quanto não estará já ele arrependido de ter abandonado o emprego que se lhe arranjou! Quanto ele estará arrependido de ser assim orgulhoso! Aquela afirmação «cá fora não é como lá», diz-nos alguma coisa. As dificuldades surgem em todos os pontos. Ora a nossa Obra está para nos modelar para os embates da vida. Nós somos seus habitantes, por via de nos habilitarmos a homens sociais. E não é com orgulho que podemos enfrentar a vida, tanto nas nossas Casas, como na sociedade.

A personalidade da pessoa é, conforme o mérito atribuído às nossas acções.

Ernesto Pinto